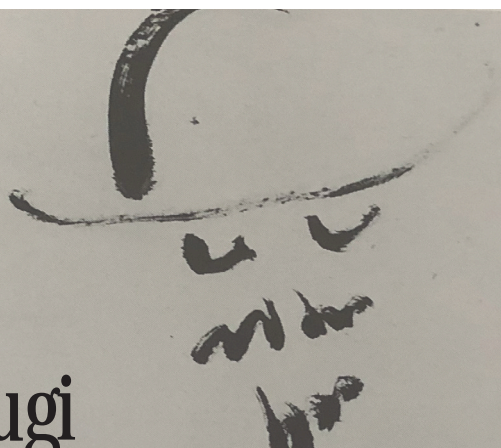


dossie<sup>A</sup>  
sakaе osugi



## sakae ôsugi e a expansão da vida

*luíza uehara*

Sakae Ôsugi percorreu parte da Ásia e da Europa. Travou lutas, atirou-se em paixões e não deu sossego, nem mesmo aos anarquistas. Um de seus alvos foram os costumes japoneses calcificados na obediência ao Imperador e à nação. Ele era insuportável aos guardiões da ordem.

Sua vida foi interrompida aos 38 anos. Em 1923, após um terremoto devastar a cidade de Tóquio e região, a polícia capturou Ôsugi e Noe Ito, sua companheira, e seu sobrinho de 7 anos que passeava com eles. Espancou e estrangulou os três atirando os restos mortais em meio aos escombros do terremoto; fariam o mesmo com tantos outros.

As perseguições a Ôsugi não cessaram até mesmo quando seu corpo virou pó. A fim de que sua alma nunca descansasse, segundo as crenças japonesas, policiais à paisana invadiram sua cerimônia fúnebre e roubaram suas cinzas. Jamais foram encontradas.

*Luíza Uehara é pesquisadora no Nu-Sol e doutoranda em Ciências Sociais na PUC-SP. Contato: luiza.uehara@gmail.com.*

Ôsugi era um perigo para as devoções. Viveu em constante luta para delas se desfazer e não temeu incomodar até mesmo alguns anarquistas. Desde criança, Ôsugi foi marcado pela submissão japonesa. Era filho de um ex-samurai, devoto a um senhor, e que tentou incutir nele o dever de defender o Imperador Meiji e de devoção ao Império do Japão. Desde o início da Era Meiji (1867-1912) não havia mais samurais, e sim, militares organizados em um exército. Obrigado a seguir os passos de seu pai, Ôsugi foi enviado para a escola de cadetes.

Nesta escola era submetido a constantes punições, como reclusão e contínuas surras. Isso o tornou gago — característica que se manifestou algumas vezes quando mais velho, nas várias passagens pela prisão.

Ôsugi foi expulso várias vezes da escola de cadetes, mas por influência seu pai ele era readmitido. A derradeira expulsão deveu-se a uma briga com outro garoto que, armado com uma faca, furou-o repetidas vezes. Ôsugi foi levado ao hospital onde ficou internado por mais de duas semanas e nunca mais voltou a pisar naquela escola. Levou na pele, marcada por cicatrizes de surras, o repúdio a qualquer policial. Anos mais tarde, tomou parte em uma manifestação para comemorar a soltura da prisão de um de seus amigos, agitou uma bandeira vermelha e negra e foi preso. Enquanto estava sendo contido, não suportou e, sem forças para livrar-se, instintivamente urinou sobre um policial na tentativa de soltar-se. Seria somente uma das muitas vezes que seria espancado.

Aos 18 anos, em 1903, foi a Tóquio para estudar francês. A capital do país concentrava diferentes lutas. Pelas suas ruas percorriam estrangeiros, cristãos, socialistas, liberais

e anarquistas. Nos passeios pela cidade, Ôsugi encontrou com a *Heimin Sha* (Sociedade da Plebe)<sup>1</sup>, associação que aglutinava anarquistas e socialistas na luta contra a Guerra Russo Japonesa. Passou a frequentar as suas reuniões na associação, e lá conheceu os libertários Shusui Kôtoku, Kanson Arahata, Jun Tsuji, Sugako Kanno, Kyûtarô Wada, Sen Katayama, entre outros.

Em meio aos debates calorosos na *Heimin Sha*, Ôsugi lançou-se na imprensa libertária. Por suas publicações, seria preso algumas vezes. Outras tantas o seria por tomar parte em manifestações e ações diretas, como no famoso Incidente do Telhado, de 1908, quando a polícia invadiu uma reunião que realizava com seus amigos, alegando que estavam proibidos os discursos socialistas e anarquistas. Subiram ao telhado da casa para fugir, e do alto, pulando para outros telhados, bradar passaram a alguns resultados da conversa entre eles. Foram presos assim que alcançados pela polícia.

Entre 1904, um ano após a sua chegada a Tóquio, até 1910, Ôsugi passou mais de três anos encarcerado. A sobrevivência na prisão foi relatada em suas memórias, o único de seu escrito publicado em português<sup>2</sup>. Ali, registrou suas aflições, esperanças, saudades, fome e dores.

Mesmo diante das perseguições e do assassinato de seus amigos no Incidente de Alta Traição<sup>3</sup>, fundou periódicos, estabeleceu conexões com libertários pelo planeta e não temeu encarar a moral de alguns anarquistas quando se envolveu em um triângulo amoroso com Kamichiko Ichiko e a libertária Noe Ito; tampouco deixou de tomar parte em manifestações contrárias ao Imperador Meiji, como a Revolta do Arroz, que agitou o Japão em 1918<sup>4</sup>.

Em suas fugas e em uma luta incessante contra a subserviência, assim como Mikhail Bakunin, Ôsugi escreveu artigos esparsos. Certa vez, Ôsugi sublinhou sobre o anarquista russo: “Kropotkin descreveu Bakunin como um homem inocente que almejava paz e liberdade. Mas essa descrição é impossível de me atrair em Bakunin. Eu prefiro os textos que descrevem Bakunin como um homem que ruiu a paz e a ordem entre os anarquistas e como um homem que semeou mesmo entre os anarquistas a rebeldia nas relações. Eu prefiro os textos que descrevem Bakunin como um revoltado por natureza, um anarquista comum, que viveu irresponsavelmente. Quando eu leio essa descrição de Bakunin, eu me sinto encontrando um velho amigo. Quando eu relembro a vida de Bakunin, eu só posso sorrir para mim mesmo”<sup>5</sup>.

Até mesmo sua biografia e o livro póstumo *My escapes from Japan*<sup>6</sup> são a reunião de escritos publicados na imprensa operária. Como o anarquista russo, e tantos outros, seus escritos estão reunidos em uma coleção de 6 tomos chamada *Ôsugi Sakae zenshu (Obras completas de Sakae Ôsugi)*<sup>7</sup>. Ali, é possível encontrar seus escritos e acompanhar também a sua produção em periódicos. Um dos que fundou foi o *Kindai Shisô (Pensamento Moderno)*, que discutia anarquismos e o chamado pensamento ocidental, iniciado em 1912, e interrompido dois anos depois. O jornal foi publicado ainda em meio ao boicote de certos anarquistas a seus escritos por suas relações de amor livre com Noe Ito.

Os textos apresentados aqui remontam ao *Kindai Shiso*, e foram publicados entre 1912 e 1914. Neles, Ôsugi apresentou o pensamento de Max Stirner, na época ainda não traduzido para o japonês. Atentou para a afirmação

da potência do eu em uma sociedade que prezava pela uniformidade na subserviência ao Imperador. Rompeu com qualquer *ideia fixa* e não se dispunha a um ideal para governar sua vida, fosse a profecia da revolução socialista ou a devoção ao Império japonês.

A leitura de *O único e sua propriedade* foi vital para que desenvolvesse a noção de *expansão da vida*, presente nos artigos que seguem com “A verdade da conquista” e “A expansão da vida”. Neles, Ôsugi afirma o eu e a expansão da vida enquanto uma recusa à construção de uma harmonia na submissão ao Imperador, à pátria, ao pai, ao professor e ao policial. Declara o ódio e a destruição enquanto uma beleza. Para ele só há beleza no caos. A harmonia não passa de uma mentira construída pela verdade da conquista, ou seja, com massacres, instituições, instrução e Estado.

Hoje, diante da renovação da obediência do súdito japonês enquanto um empreendedor de si que se entrega à nação e à empresa, seus escritos permanecem atuais. É preciso atizar, como diria Ôsugi. Fazer eclodir o inesperado da revolta. E, diante de tanta subserviência por todos os cantos do planeta, aos ouvidos atentos, Ôsugi afirma o ódio e a paixão para irromper a afirmação do eu, a expansão da vida.

## Notas

<sup>1</sup> Fundada por Toshihiko Sakai e Shusui Kôtoku. Debatia a abertura dos portos japoneses, a guerra, e trazia escritos anarquistas e socialistas. Era disponível a qualquer interessado, por isso, sua formação mudava constantemente. Ali também era editado o jornal Heimin Shinbun (Jornal da Plebe), um dos principais periódicos do período e que contava com traduções e artigos dos integrantes da associação.

<sup>2</sup> Sakae Ôsugi. *Memórias de um anarquista japonês*. Tradução de Ludimila Hahimoto Barros. São Paulo, Conrad, 2002.

<sup>3</sup> Ocorrido em 1910, quando um grupo de anarquistas e socialistas foram acusados de planejar o assassinato do Imperador. 25 homens e uma mulher foram presos. 12 foram condenados à forca, outros 12 à prisão perpétua e os dois restantes a 8 e 11 anos de prisão, respectivamente. Anarquistas nos EUA manifestaram-se contra a decisão do tribunal com ameaças de morte ao Imperador estampadas no Consulado japonês, e a revista *Mother Earth*, editada por Emma Goldman, engajou-se em uma campanha para evitar o assassinato dos militantes. Entre os executados estavam Shusui Kôtoku, o monge zen e anarquista Gudo Uchiyama, e a anarquista Sugako Kanno.

<sup>4</sup> A Revolta do Arroz foi o ápice de uma série de manifestações que ocorreram desde 1905. Diante da miséria no campo e na cidade, não houve negociação possível. Os enfrentamentos tiveram como força motriz o aumento do grão. Não havia reivindicações por maior presença do Estado ou algo similar. Segundo a leitura de Ôsugi, a revolta tomou contornos de uma tentativa de destruição do governo. Estima-se que 10 milhões de pessoas, em um Japão de 56 milhões, tomaram parte nas manifestações, greves e encontros. As perseguições intensificaram-se e, após meses, milhares foram capturados, sendo 7000 condenados à prisão perpétua. Ôsugi estava entre os presos, mas seria solto meses depois.

<sup>5</sup> Sakae Ôsugi apud Hikaru Tanaka. “Bakunin and Japanese Anarchism”. 2012. Disponível em: <http://kansaianarchismstudies.blogspot.com/2014/07/bakunin-and-japanese-anarchist.html>. Acesso em 02/05/2019.

<sup>6</sup> Cf. Sakae Ôsugi. *My escapes from Japan*. Tradução de Michael Schauerte. Tokyo, Doyosha, 2014.

<sup>7</sup> Cf. Sakae Ôsugi. *Ôsugi Sakae zenshu*. Vol. 1-6. Tokyo, Gendai shichô, 2014.